

EDITORIAL / APRESENTAÇÃO*EDITORIAL / PRESENTATION**ÉDITORIAL / PRÉSENTATION**EDITORIAL / PRESENTACIÓN***DOSSIÊ A CASA: DESLOCAMENTOS,
TEMPORALIDADES E HABITABILIDADES.***DOSSIER THE HOUSE: DISPLACEMENTS,
TEMPORALITIES AND HABITABILITIES.**DOSSIER LA MAISON: DÉPLACEMENT,
TEMPORALITÉS ET HABITABILITÉS.**DOSSIER LA CASA: DESPLAZAMIENTOS,
TEMPORALIDADES Y HABITABILIDADES.*

Ceres Karam Brum*

Marta Vilar Rosales**

Lugar de habitação e de abrigo, a casa, na contemporaneidade, vem desempenhando uma série de novos papéis que ultrapassam o universo privado de indivíduos e grupos, em cenários nacionais e transnacionais de deslocamentos. Ela acompanha as transformações cotidianas e estruturais da vida social e se reinventa ao sabor de novas exigências materiais e simbólicas.

Dessa forma, se pensarmos no conjunto de estudos nas Ciências Sociais que remetem à casa, não estamos diante de tema inexplorado. Nesse campo de produção, na etnologia francesa são bem conhecidos os trabalhos de Claude Lévi-Strauss (1957), ao analisar a casa Bororo em *Tristes trópicos*; de Marcel Griaule (1966), que estuda a casa Dogon em *Dieu d'eau: entretiens avec Ogotemmêli*, de Pierre Bourdieu (1980), ao interpretar a Maison Kabyle em *Les sens pratique* e François Rugg (2011), que estudou as habitações camponesas em *La maison paysanne: histoire d'un mythe*.

* Doutora em Antropologia Social; Professora do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil; E-mail: cereskb@terra.com.br

** Doutora em Antropologia Social e Cultural; Professora no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL), Lisboa, Portugal; E-mail: marta.rosales@ics.ulisboa.pt

Neste campo do conhecimento, somados aos trabalhos na seara da Antropologia, também verificamos, em outros domínios das ciências sociais, igualmente uma tendência a criticar os estudos que seguem apenas uma perspectiva ergológica, (aqueles que restringem a casa aos aspectos como matéria-prima, forma, tamanho e técnica de produção de um artefato, sem analisar seus significados e funções na sociedade que os produziu). A busca de superação deste enfoque, tem gerado novas perspectivas de pesquisa em âmbito interdisciplinar tais como o trabalho do filósofo Michel Serres, *Habiter*, publicado em (2011) e *Chez soi: une odyssée de l'espace domestique*, da jornalista Mona Chollet (2015), na seara dos estudos culturais.

Neste dossiê, apresentamos um conjunto de artigos que enfocam, a partir de diferentes perspectivas teórico-metodológicas das Ciências Sociais, estudos sobre habitações/casas em distintos contextos socioculturais. São contribuições significativas para o entendimento das casas porque revelem as particularidades do habitar, destacando as múltiplas configurações da casa/lar/abrigo/refúgio em relação às formas de habitar e suas representações, aos consumos domésticos, às memórias e trajetórias dos grupos e pessoas, ao pertencimento étnico e nacional, dos que habitam/ocupam as casas, entre outros.

O primeiro texto deste dossiê é autoria de François Rugg e se denomina *"Espaces de prestige: de l'hôtel aristocratique au palais rom/tsigane, en passant par la belle chambre du paysan"*. O autor através da reflexão sobre o espaço de prestígio, discute as significações da proliferação de diversos espaços habitacionais suntuosos, não ocupados em tempos de economia urbana e racionalidade. Para Rugg, os hotéis particulares, palácios romenos e mesmo os quartos inocuados de algumas casas camponesas sinalizam práticas de ostentação que devem ser interpretadas a luz de novos espaços urbanos, aos quais se contrapõem. Assim, o alto custo do espaço é, portanto, relativo e localizado, assim como sua taxa de ocupação. O seu imaginário e o imaginário cultural do espaço desempenham um papel decisivo onde pensamos estar lidando com racionalidade ou tradição.

O segundo texto deste dossiê é de autoria de Camila Gui Rosatti. Em *"Habitar, narrar e construir: a casa moderna nos relatos biográficos de seus moradores"* ela analisa relatos, de uma clientela que transformou em narrativa a experiência de habitar casas modernas. Tratam-se de pessoas desejosas de habitar um espaço atualizado às diretrizes estéticas de seu tempo. Tais clientes encomendaram, entre o final dos anos 1940 e início dos anos 1960, suas residências a arquitetos que despontavam no cenário artístico paulistano. Atravessado por tensões e ambiguidades, o relato da construção e vivência nessas moradias é uma fonte preciosa para acessar as expectativas em torno de novos padrões sociais e espaciais. Oscilando entre a apologia do vanguardismo arquitetônico e a reclamação dos infortúnios de se habitar uma casa fora dos padrões convencionais, essas narrativas e memórias permitem acessar o imaginário e as ambições de seus moradores, as motivações que os levaram a empreender esse projeto e as decepções quanto à sua realização. Para a autora, os relatos igualmente apresentam observações agudas da vida cotidiana, pelas quais é possível apontar marcadores sociais ligados a posição de classe, gênero e idade, assim como posições estéticas e políticas de um novo grupo social em busca de diferenciação.

A terceira contribuição vêm das autoras Adriana Russi e Regina Maria do Rego Monteiro Abreu e discute o processo de reconstrução de uma casa tradicional entre os katxuyana. Em *"Os Katxuyana e a casa tamiriki: protagonismo ameríndio na valorização cultural"* elas abordam o protagonismo ameríndio na preservação de sua cultura, analisado à luz dos conceitos de participação de "novos sujeitos de direito" e da objetivação da cultura. A reflexão parte da reconstrução da casa *tamiriki*, um tipo construtivo abandonado por quase quatro décadas, enquanto o povo Katxuyana viveu longe de seu território, às margens do rio Cachorro, no município paraense de Oriximiná, Pará-Brasil. Desde que regressaram a essa região, no final dos anos de 1990, depois de conviverem com outros indígenas, os Katxuyana começam a se mobilizar para assegurar aos seus descendentes o aprendizado de seu *kwe'toh kumu* ("nosso jeito de ser" katxuyana). Para as autoras a valorização da cultura, nesse caso, im-

plicou no fortalecimento da figura do chefe da aldeia, o *pata yotono* e a retomada do modo de organização social em uma aldeia katxu-yana, sendo a reconstrução da *tamiriki* reveladora da importância de um lugar construído para a sociabilidade aldeã.

Em *"Cidade histórica, cidade universitária: usos do patrimônio cultural e repúblicas estudantis em Ouro Preto/MG"* o autor Eder Cláudio Malta Souza nos mostra que a histórica cidade de Ouro Preto que é conhecida pelo significativo patrimônio cultural, que representa manifestações da identidade nacional, desde a fundação da Escola de Minas, em 1876, teve parte de seu patrimônio transformado em repúblicas estudantis. Estas conformam os espaços de sociabilidade pública através de práticas rituais, festivas e formais dos estudantes. O autor analisa a relação entre o patrimônio histórico, sua preservação e inovação dos usos através das práticas estudantis nos espaços das repúblicas, propondo-se a debater como os usos dos espaços da "Cidade Histórica", apropriados para as ações de preservação do patrimônio histórico para o desenvolvimento da economia turística, são reapropriados por práticas socioculturais que demarcam os lugares da "Cidade Universitária", imprimindo à vida urbana cotidiana de Ouro Preto um espaço público dissonante conflitivo e plural.

Também na seara do universo estudantil, em *"A casa timorense e os estudantes do Timor-Leste no exterior"*, Silvia Garcia Nogueira e Renata Nogueira da Silva apresentam o encontro entre duas etnografias: uma que versa sobre os timorenses em situação de estudo em universidades portuguesas e brasileiras, sob a lógica da hospitalidade e outra sobre as noções de casas e casas sagradas em Timor-Leste e os modos como se articulam para dar sentido à dinâmicas de reprodução social. O artigo discute os significados culturais da casa timorense, assim como o modo como os estudantes no exterior concebem e constroem simbolicamente suas "casas", a do Timor-Leste e o local em que moram durante seus cursos superiores, além das conexões que estabelecem entre ambas.

O artigo *"Entre a casa e a rua, o espaço"*, de autoria de Paula Cristina Corrêa Bologna, nos mostra que quando movimentos

de moradia ocupam prédios vazios, estes edifícios, antes ociosos, passam a ser reivindicados como uma moradia pelas pessoas que passam a habita-los. Contudo, no cotidiano, o usual é que as pessoas viventes nestes locais declinem do termo casa e se refiram aos seus locais de habitação enquanto um “espaço”. A autora sustenta que o uso do termo não é aleatório dentre os militantes, mas possui uma gramática e noções de temporalidade própria. Ela nos apresenta que estes “espaços”, reduto do cotidiano, são locais conformadores de experiências e de novas sociabilidades, caras à coletividade e a formação do movimento de moradia enquanto ator político.

O texto que encerra esta coletânea aborda a ocupação Dandara, localizada na Região Metropolitana de Belo Horizonte, onde mais de 1000 famílias, em meados de 2009, passam a construir suas moradias, em um terreno com mais de 315 mil metros quadrados, localizado em área de alto valor imobiliário da cidade. As reflexões de Beatriz Ribeiro Machado e Douglas Mansur da Silva em *“Por que ocupar? Uma narrativa a partir dos moradores da ocupação Dandara, Belo Horizonte”* apresentam as formações de ocupações urbanas como cada vez mais comuns em contextos de grandes cidades com *déficit* habitacional, ocasionando à segregação sócioespacial. Este cenário, induzi famílias inteiras a comporem estes prédios e terrenos ocupados, em uma perspectiva de luta pelo direito de morar e pelo direito de fazer parte da cidade. Enfatizando o protagonismo político desempenhado pelos movimentos sociais de reforma urbana, em processo de acompanhamento dos inúmeros prédios ocupados, os autores tentam entender o ‘porquê’ ocupar, analisando ainda os riscos e os conflitos que passam a fazer parte da rotina destas famílias.

Finalizamos esta apresentação, agradecendo aos autores que participaram desta edição por suas valiosas contribuições à abordagem da Casa nas Ciências Sociais e ao fotógrafo Alain Demarcy que ilustra a capa deste dossiê com a Casa da Cascata de Pittsburgh. Nosso muito obrigado igualmente aos editores e a equipe da Século XXI: Revista de Ciências Sociais que tornaram possível sua concretização.

Uma boa leitura!

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. *Les sens pratique*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.
- CHOLLET M. *Chez soi: une odyssée de l'espace domestique*. Paris: Éditions Zones, 2015.
- GRIAULE, M. *Dieu d'eau: entretiens avec Ogotemméli*. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1966.
- LÉVI-STRAUSS, C. *Tristes trópicos*. São Paulo: Anhembi, 1957.
- RUEGG, F. *La maison paysanne: histoire d'un mythe*. Paris: Éditions Infolio, 2011.
- SERRES, M. *Habiter*. Paris: Éditions Le Pommier, 2011.